

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**GUILHERME DA SILVA MAIA
JOÃO VICTOR NETO POLICARPO
PEDRO HENRIQUE MACHADO TEIXEIRA**

**Reescrevendo o Esporte: O Relato de Experiência
de um Atleta Amputado no Beach Tennis.**

**VOLTA REDONDA
2023**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Reescrevendo o Esporte: O Relato de Experiência de um Atleta Amputado no Beach Tennis.

Artigo apresentado no Curso de Educação Física - Bacharelado como requisito à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Alunos:

Guilherme da Silva Maia
João Victor Neto Policarpo
Pedro Henrique Machado Teixeira

Orientador:

Prof.^a Me. Rodolfo Guimarães Silva

**VOLTA REDONDA
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alunos:
Guilherme da Silva Maia
João Victor Neto Policarpo
Pedro Henrique Machado Teixeira

Reescrevendo o Esporte: O Relato de Experiência de um Atleta Amputado no Beach Tennis.

Orientador(a):
Prof^a. Me. Rodolfo Guimarães Silva

Banca Examinadora:

Prof. Me. Paulo Celso Magalhães

Prof^a. Me. Kelly Silva Teixeira

Dedicamos esse trabalho primeiramente a Deus, que nos conduziu durante todo curso, nos fortaleceu nos momentos difíceis, assim como nossa família que foi suporte em todo momento.

AGRADECIMENTO

Agradecemos em especial ao professor Me. Rodolfo Guimarães Silva por toda sua colaboração, paciência e dedicação para conclusão desse objetivo.

Agradecemos também aos amigos que nos acompanharam em nossa formação e a todos os professores que nos agraciaram com seus conhecimentos e nos acolheram ao longo dessa caminhada.

RESUMO

A amputação de membros inferiores representa um desafio significativo para o indivíduo, com grandes mudanças físicas e sociais, gerando impactos gerais na vida dessa pessoa, porém com a possibilidade de minimizar esses impactos por intermédio do esporte. Nesse trabalho foi utilizado o Beach Tennis como ferramenta de estudo, visto que é um dos esportes que mais cresce no Brasil e no mundo. O objetivo geral desse trabalho foi descrever os principais desafios enfrentados por um atleta amputado ao participar do Beach Tennis. Trata-se de um relato de experiência em que foi utilizado como referência uma entrevista com um dos autores desse trabalho: Guilherme Maia. A análise foi feita por meio do Software IRAMUTEQ, bem como a significativa contribuição de autores envolvidos na promoção da inclusão esportiva de pessoas com deficiência. Os resultados e conclusões mostram que o Beach Tennis é um esporte que pode ser inclusivo e com grande potencial para se tornar paralímpico em breve. Guilherme como o primeiro atleta amputado não só venceu desafios pessoais, como também está abrindo oportunidades para outros amputados que desejam explorar o Beach Tennis. Sua dedicação e resolução são modelos inspiradores de como a adaptação e inclusão podem fazer a diferença e criar perspectivas no esporte. Com isso, precisou de muitas adaptações para conseguir jogar da forma mais eficaz possível com adversários sem nenhuma deficiência física. Além das estratégias supracitadas, que pode ser uma ação paliativa para tentar resolver o desafio da inclusão no Beach Tennis, precisamos fomentar a produção de novas estratégias, mais efetivas para assegurar que o amputado de membros inferiores possa estar incluso no Beach Tennis. Contudo, reconhecemos que este estudo apresenta limitações, incluindo o curto tempo de prática por parte do atleta e a escassez de material de estudo sobre amputados no Beach Tennis. Estas limitações enfatizam a importância de pesquisas futuras, que devem explorar abordagens metodológicas inovadoras e preencher as atuais lacunas de conhecimento. Além disso, recomendamos que sejam implementadas iniciativas para fomentar a participação de amputados de membros inferiores e outras pessoas com deficiência no Beach Tennis, com intuito de promover a inclusão e igualdade de oportunidade no esporte.

Palavras-chave: Amputação; Beach Tennis; Educação Física; Esporte Adaptado; Inclusão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVO GERAL	11
3. METODOLOGIA	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
ANEXO	21

1. INTRODUÇÃO

A amputação de membros inferiores representa um desafio significativo para os sistemas de saúde pública, dadas suas implicações intrincadas em termos de incapacidade, morbidade e mortalidade, conforme argumentado por Miguel (2019). Essa condição de saúde crônica afeta um grande número de indivíduos, tornando-se, assim, uma questão de relevância social.

Além do impacto físico, a amputação também acarreta consequências sociais, uma vez que os indivíduos amputados enfrentam a necessidade de se adaptar a uma nova realidade, redefinindo sua autoimagem e aprendendo a viver com a deficiência resultante. Para lidar com essa transição, é amplamente reconhecido que a abordagem multidisciplinar é fundamental, visando melhorar a funcionalidade e a qualidade de vida dessas pessoas. Essa abordagem visa não apenas manter a autonomia dos indivíduos, independentemente do uso de próteses, mas também incentivá-los a reintegrar-se à família, à comunidade e à sociedade, como delineado por Miguel (2019).

Assim, a amputação de membros inferiores é uma jornada de ressignificação do processo de viver. Com o desenvolvimento de próteses, cadeiras de rodas, muletas e outros equipamentos, os indivíduos podem superar limitações e continuar suas vidas de maneira satisfatória.

No entanto, é crucial lembrar que a identidade de uma pessoa amputada não se restringe ao membro que foi perdido. Reconhecemos a importância de realçar o potencial desses indivíduos, especialmente no contexto das atividades físicas e esportivas. A adaptação das atividades físicas às diferentes amputações é essencial, e os educadores devem adquirir conhecimento sobre os tipos de amputações para melhor integrar os alunos em suas aulas e na sociedade em geral.

A amputação implica uma mudança significativa no estilo de vida, resultando em restrições na participação em atividades e na interação social. Isso leva a desafios no desempenho funcional, mobilidade e execução de tarefas cotidianas, exigindo adaptações contínuas às novas condições motoras, conforme destacado por Biffi et al. (2017).

Acredita-se em que, dentre todas as amputações, as de membros inferiores ocorre em 85% dos casos (TOOMS, 1987). Em estudo realizado no Hospital de Recife, em 2011, verificou-se que esse dado se confirma e que cerca de 94% das amputações realizadas pelo SUS foram de membro inferior (SIH/SUS, 2011).

O Ministério da Saúde revelou que entre o período de janeiro de 2013 a outubro de 2014, ocorreram 36.451 amputações do membro inferior por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS). No Brasil, dados do SIH-SUS mostram uma tendência crescente no número de amputações, aumentando de aproximadamente 42 mil amputações em 2010 para mais de 55 mil em 2017. Quanto ao nível de amputação, o sistema mostrou prevalência das amputações de MMII, como caracterização das pessoas amputadas de um hospital de grande porte em Recife – PE (SOUZA; SANTOS; ALBUQUERQUE, 2019).

Dadas as condições de prevalência de amputações no contexto nacional e seus impactos negativos em diversas dimensões consideramos o esporte como alternativa para a superação de questões psicossociais e qualidade de vida. Sendo assim, pensamos no Beach Tennis como uma possibilidade de prática inclusiva.

O Beach Tennis teve seu início no final da década de 80, na província de Ravenna, na Itália. A partir de 1996, o esporte começou a passar por um processo de profissionalização. Essa modalidade esportiva combina elementos do tênis tradicional, vôlei de praia e badminton, e suas regras e práticas têm evoluído ao longo dos anos. De acordo com a Federação Internacional de Tênis (ITF), o Beach Tennis é praticado por mais de 500 mil pessoas em todo o mundo, sem distinção de gênero ou idade (CBTENIS, 2022). A modalidade é considerada uma variante do tênis, nasceu na Itália e era praticado nas quadras de vôlei de areia. Hoje o Beach Tennis se espalhou pelo mundo todo, e está presente em mais de 53 países, chegando a mais de 1,2 milhões de praticantes. (SANTINI; MINGOZZI, 2017).

Desde sua chegada ao Brasil em 2008, o Beach Tennis tem suscitado grande curiosidade e interesse entre os praticantes de esportes. Esse esporte incorpora elementos de várias modalidades, como o badminton, devido ao fato de permitir apenas um toque na bola e as redes serem posicionadas a uma altura aproximada. Além disso, apresenta semelhanças com o vôlei de praia em relação às dimensões da quadra e compartilha características do frescobol, uma vez que utiliza raquetes com formatos similares (Evangelista, 2012). O Beach Tennis é praticado em duplas

(dois contra dois), ou simples (um contra um com a quadra em um tamanho menor) (SANTINI; MINGOZZI, 2017), sendo os jogos de duplas os mais populares.

De acordo com a Federação Italiana de Tênis, ou FIT (2016), o Beach Tennis teve suas raízes nas praias da costa italiana nos anos 70. Inicialmente, era jogado como tênis de praia, sem regras claras e sem campos delimitados por linhas ou redes. Essa abordagem informal foi suficiente para atrair um grande número de entusiastas, levando à organização de competições em diferentes lugares, cada uma com regras e características próprias. No entanto, somente em 1996, o verdadeiro Beach Tennis surgiu, com quadras de 16x8 metros e uma rede divisória de 170 cm de altura. A maioria das regras adotadas é semelhante às do tênis, incluindo o sistema de pontuação. Em 2003, a FIT organizou os primeiros eventos de Beach Tennis, principalmente na região da Emilia Romagna, onde o esporte teve origem.

A modalidade chegou ao Brasil em 2008 no estado do Rio de Janeiro. Desde então, o Beach Tennis vem crescendo rapidamente para outras cidades litorâneas brasileiras. Ganhou popularidade, inclusive, nas cidades não praianas, como Belo Horizonte, Brasília e Araraquara. Entre os locais onde há um maior número de praticantes estão Rio de Janeiro, Fortaleza, Santos, Vitória, Florianópolis, Porto Alegre, Mogi das Cruzes, Guarujá, João Pessoa, Salvador, Campina Grande, Cachoeira de Itapemirim, Novo Hamburgo, Natal, Brasília, Maringá e São Paulo. Hoje, segundo a ITF (Federação Internacional de Tênis), o Brasil é a segunda maior força do mundo neste esporte, atrás apenas da Itália, o país criador da modalidade (CBTENIS, 2022).

Nossa pesquisa surge da necessidade de explorar a inclusão de indivíduos amputados em atividades esportivas, com foco no Beach Tennis. Reconhecemos que a amputação de membros inferiores não apenas afeta a funcionalidade e a qualidade de vida dessas pessoas, mas também representa uma certa dificuldade de adaptação em alguns esportes, principalmente no Beach Tennis que ainda não possui sua versão paralímpica, porém é uma modalidade esportiva com crescimento evidente no Brasil e no mundo que possui potencial de oferecer oportunidades empolgantes para a participação de pessoas com amputações de membros inferiores, utilizando ou não próteses.

Neste relato de experiência, examinaremos a jornada de um atleta amputado transfemural que usa prótese, destacando as adaptações necessárias e as questões de inclusão.

Existe uma metodologia adequada e adaptações a serem feitas nas quadras para atender as necessidades das pessoas amputadas de membro inferior nas aulas e jogos de Beach Tennis?

2. OBJETIVO GERAL

- O objetivo geral deste relato de experiência é descrever os principais desafios enfrentados por um atleta amputado ao participar do beach tennis.

2.1 Objetivos Específicos:

- Relatar os obstáculos físicos, técnicos e emocionais enfrentados pelo atleta amputado ao praticar o Beach Tennis, com base em sua própria experiência.

- Descrever as estratégias que o atleta amputado e sua equipe de treinamento adotaram para facilitar sua inclusão no Beach Tennis, destacando ações específicas e medidas de apoio.

- Explorar as percepções e experiências pessoais do atleta amputado em relação às adaptações no Beach Tennis, destacando os momentos de superação de desafios e como essas experiências influenciaram sua vida diária.

3. METODOLOGIA

3.1 Participante do Estudo:

Trata-se de um relato de experiência, ou seja, um tipo de produção acadêmica que descreve uma experiência vivida pelo autor ou equipe em uma determinada situação, com o objetivo de contribuir para a construção de conhecimento na área de atuação (KURTZ, 2019).

O participante do estudo é um dos autores deste artigo. Trata-se de Guilherme da Silva Maia, 24 anos, praticante de Beach Tênis desde o início do ano de 2023. Apesar de pouco tempo praticando, participou de 5 torneios até o presente momento tendo sido campeão em um deles na categoria mista B com sua parceira e treinadora.

Guilherme teve a perna amputada (transfemural) em um acidente em 2019 e desde então tem se dedicado à prática esportiva chegando até a ser convocado para a seleção brasileira de vôlei sentado.

3.2 Coleta de Dados:

Para a coleta de dados optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada (em anexo) com a intenção de coletar informações sensíveis aos objetivos do trabalho.

A entrevista foi realizada no dia 5 de outubro, gravada em aparelho celular (Iphone 13 Pro Max) e transcrita em documento de word (em anexo).

A entrevista semiestruturada foi focada nos seguintes tópicos:

- Obstáculos físicos: Sobre as limitações físicas específicas que o atleta enfrentou ao praticar o Beach Tennis, como mobilidade, equilíbrio e força.

- Obstáculos técnicos: Explorando os desafios relacionados à técnica do jogo, incluindo a adaptação das habilidades de raquete, movimentação na quadra e estratégia.

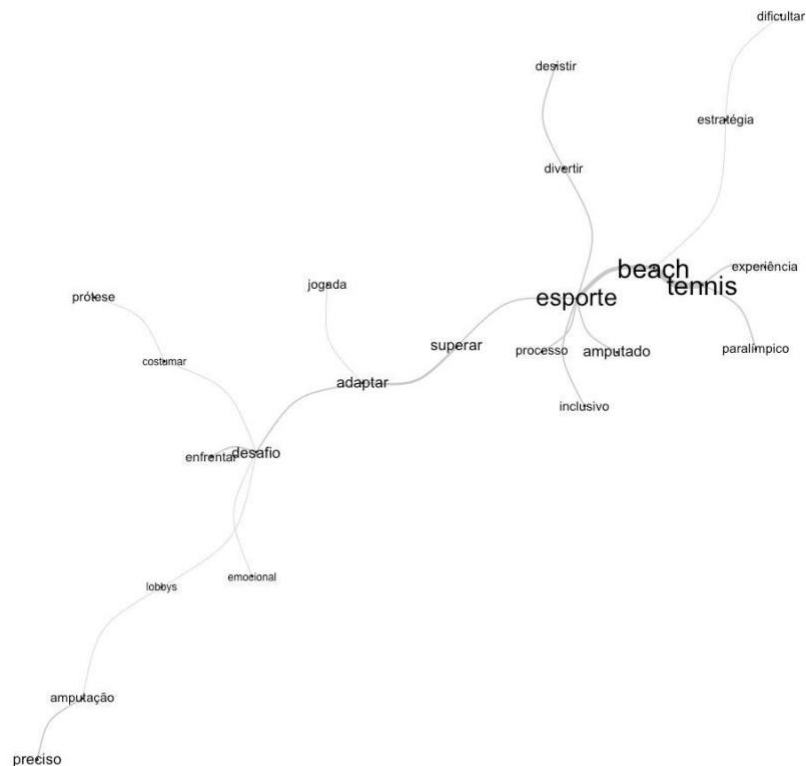
- Obstáculos emocionais: A fim de investigar as experiências emocionais do atleta, como autoconfiança, motivação e superação de obstáculos psicológicos.

- Estratégias de inclusão: Na intenção de descrever as estratégias e apoios que foram implementados para facilitar sua inclusão no Beach Tennis.

3.3 Análise de Dados:

Abaixo apresentamos uma figura que representa a análise por similitude produzida a partir das respostas ao questionário aplicado ao Guilherme Maia, e produzido com auxílio do Software IRAMUTEQ.

FIGURA 1 – ANÁLISE POR SIMILITUDE



FONTE: SOFTWARE IRAMUTEQ

O Beach Tennis é um esporte que exige habilidade, técnica e tática. Possui diversos fundamentos básicos como saque, lob, smash, gancho e voleios (Martins, Ravagnani e Ravagnani, 2021). São fundamentos que exigem do atleta movimentos combinados de todo o corpo para a resposta adequada à jogada do adversário.

A falta de um membro inferior dificulta sua mobilidade na quadra e a capacidade de alcançar bolas distantes acaba tornando essa tarefa muito desafiadora. Então ele teve que desenvolver “técnicas próprias”, como alternar a mão que segura a raquete durante o rally, uma vez que não pode contar com o apoio de uma das pernas. Essa adaptação permitiu a ele ter maior alcance em bolas mais longas, aumentando a amplitude do seu movimento.

Na prática do saque, Guilherme teve que adaptar esse fundamento para facilitar seu posicionamento após o saque, como o mesmo disse na entrevista semiestruturada “eu só posso sacar por baixo e jogando a bola bem alta para que dê tempo de chegar na posição correta para seguir o rally, pois no Beach Tennis a bola que vai rápida, volta rápida”. Sendo assim, diminuindo o tempo de reação da próxima

jogada. Além de sempre estar alinhado com sua dupla para que o cubra em algumas bolas no fundo da quadra e para isso o ideal é que o parceiro devolva essa bola bem alta e no fundo da quadra adversária para que dê tempo de se recuperar no ponto e voltar para a sua posição de origem, visto que Guilherme tem essa dificuldade na mobilidade dentro de quadra.

Como em qualquer modalidade esportiva, é fundamental que o atleta esteja bem informado e preparado. No caso do Guilherme, que enfrenta desafios de mobilidade limitada em quadra, ele teve que se dedicar ainda mais a estudar minuciosamente cada aspecto do jogo, desde os fundamentos básicos até as possíveis estratégias que podem ocorrer durante uma partida. Além disso, ele precisou colocar esse conhecimento em prática durante seus treinos. Na entrevista, Guilherme compartilhou um pouco sobre os desafios que enfrentou nesse processo de preparação e como lidou com eles.

G. Maia:

Buscando sempre estratégias durante o jogo para dificultar ao máximo que o adversário tenha facilidade em jogar a bolinha nos locais onde ele quer. Para isso, preciso cada vez mais estudar o Beach Tennis para entender mais de cada jogada, cada fundamento, cada gesto para conseguir efetuar uma boa leitura de jogo.

Em sua entrevista, Guilherme compartilhou sua experiência única como o primeiro atleta amputado de Beach Tennis do Brasil, trazendo clareza sobre os desafios e oportunidades que isso trouxe para sua carreira esportiva. Ele afirmou:

G. Maia:

E sendo o primeiro atleta amputado de Beach Tennis do Brasil, tudo é muito novo para todos amputados que querem entrar no Beach Tennis, então eu tô vivenciando e testando para ajudar outros amputados a entrarem no esporte e quem sabe tornar o Beach Tennis um esporte paralímpico também.

Essa afirmação destaca seu compromisso em desbravar novos caminhos, testar soluções criativas e, acima de tudo, abrir portas para outros amputados que desejam se aventurar no mundo do Beach Tennis. Guilherme não apenas superou desafios pessoais, mas também está pavimentando o caminho para que o esporte seja mais inclusivo e, quem sabe, até mesmo parte das competições paralímpicas no futuro.

3.4 Relato de Experiência:

Segundo Freire (2008), a inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros.

Diante aos dicionários de língua portuguesa, definem o termo “inclusão” como ato ou efeito de incluir, o que significa pôr ou estar dentro, inserir ou fazer parte de um grupo; abranger, compreender, conter ou ainda envolver, implicar. Assim definido, o conceito é muito genérico, mas pode receber especificações quando usado em diferentes áreas do conhecimento.

Além disso, podemos analisar a relevância de superar desafios de deficientes físicos, promovendo sua autonomia e desenvolvimento integral. Essa perspectiva é fundamental para evitar estigmas e promover uma verdadeira inclusão, onde todos os deficientes físicos se sintam valorizados e respeitados em sua individualidade

A inclusão no esporte é o esforço de garantir que todas as pessoas, independentemente de sua idade, gênero, habilidades físicas, origem étnica, orientação sexual ou outras características, tenham a oportunidade de participar ativamente e de atividades esportivas. Isso promove a igualdade de gênero, combate o estigma e a discriminação, e capacita pessoas com deficiência a participarem em igualdade de condições. A inclusão no esporte é uma maneira de celebrar a diversidade e enriquecer as experiências esportivas, promovendo uma sociedade mais justa e tolerante. Para alcançar a inclusão no esporte, é necessária a colaboração de governos, organizações esportivas, clubes, escolas e mídia na criação de políticas, instalações e culturas esportivas inclusivas.

Segundo Teixeira e Andrade (2018), o número de deficientes aumenta e poucos profissionais se sentem aptos para trabalhar com esse público, o que ressalta a importância de estudos sobre o tema, levando em consideração a sociedade que, na maioria das vezes, não está preparada para os deficientes, sendo assim, trata-se de um desafio a ser conquistado.

O esporte é uma plataforma poderosa para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas. No contexto do esporte adaptado, o foco está na criação de condições

equitativas para que indivíduos com deficiência possam participar ativamente em diversas modalidades esportivas.

Desta forma, considera-se que a Educação Física, tornou-se espaço para romper com a perspectiva da exclusão, pois segundo (GAIO, 2006. p. 171) afirma que

O ser humano é um corpo que oferece todas as possibilidades, mesmo que ele se apresente fragilizado. Esse corpo tem poder, esse poder emerge do auto-organização do ser humano com meio ambiente, na medida em que esse ser se apropria, como corpo, desse poder e se coloca em busca dos seus direitos e deveres como organismo vivo.

Segundo Da Costa; Sousa (2004) afirma que no Brasil o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tantos exercícios corretivos e de prevenção.

Deste modo, procuramos buscar a origem do termo EFA e podemos dizer que essa expressão, EFA, surgiu na década de 1950 e foi definida pela American Association for Health, Physical Education, Recreation and Dance (AAHPERD), como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos e ritmos adequados a interesses, capacidades e limitações de estudantes com deficiências que não podem se engajar com participação irrestrita, segura e bem-sucedida em atividades vigorosas de um programa de educação física geral (PEDRINELLI, 1994). Em outros termos, podemos dizer que um programa de educação física geral não conseguiu abranger a especificidade da pessoa portadora de deficiência e, então, a Educação Física Adaptada veio para suprir essa lacuna existente.

E, como foi apenas no final dos anos de 1950, como observamos anteriormente, a educação física começou a se preocupar com a atividade física e desportiva para o deficiente, era esse o quadro estabelecido pela história da educação física até o momento, transmitindo a concepção de corpo saudável, perfeito, produtivo, de rendimento e técnica. Assim, não restou outra opção, era preciso criar um caminho para a educação física lidar com o deficiente, que representava praticamente o oposto desse quadro: o de corpo imperfeito, improdutivo, sem rendimento, com necessidade

de técnicas específicas. E então surgiu a Educação Física Adaptada, destinada a atender a pessoa com deficiência.

Diante disso, é notório que o esporte adaptado envolve uma modificação de regras, equipamentos e instalações esportivas para acomodar as necessidades específicas de atletas com deficiência. Isso não apenas permite que eles pratiquem esportes, mas também desafiem a percepção tradicional de deficiência, mostrando que pessoas com deficiência podem ser atletas de alto desempenho. Além disso, o esporte adaptado promove a inclusão social, a autoconfiança e a independência de indivíduos com deficiência.

Na perspectiva do Guilherme, a adaptação se encontra no mesmo. O esporte lhe proporcionou muito mais do que apenas exercício físico; ele deu um senso de propósito, autoconfiança e pertencimento. Ao longo do tempo, descobri que minhas limitações eram apenas obstáculos temporários, e não barreiras intransponíveis. Contudo, ele como pessoa com deficiência, foi confrontado com limitações físicas por meio de seu acidente que poderiam ter deixado-o longe do mundo esportivo, mas em vez disso, encontrou a adaptação no Beach Tênis, se tornando um atleta adaptado e fazendo de suas superações seus maiores aliados

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, exploramos a vivência de um atleta amputado no contexto do Beach Bennis, destacando os desafios físicos, técnicos e emocionais enfrentados, bem como as estratégias adotadas para sua inclusão no esporte. Ficou evidente que a amputação de membros inferiores não é uma barreira intransponível, mas sim um desafio superável com dedicação, adaptação e apoio adequado.

A inclusão de pessoas com deficiência no esporte é um passo fundamental em direção a uma sociedade mais justa e tolerante. O Beach Tennis, com suas raízes nas praias italianas, tem se expandido pelo mundo, e o relato de experiência do atleta Guilherme da Silva Maia mostra que a adaptação é possível, mesmo em esportes desafiadores como esse.

Guilherme Maia enfrentou diversos desafios ao praticar Beach Tennis como atleta amputado, desenvolvendo técnicas próprias para superar suas limitações físicas e adaptando seu jogo. O atleta também enfatizou a importância de

compreender o esporte em detalhes, superar desafios emocionais e se dedicar a pavimentar o caminho para outros amputados no Beach Tennis, promovendo a inclusão no esporte. Sua experiência de superação e compromisso têm o potencial de inspirar e impactar positivamente outros amputados, contribuindo para tornar o Beach Tennis mais inclusivo.

No entanto, reconhecemos que este estudo tem suas limitações, como o tempo limitado de prática do atleta e a falta de material de estudo sobre amputados no Beach Tennis. Essas limitações ressaltam a necessidade de pesquisas futuras, explorando novos caminhos metodológicos e preenchendo as lacunas de conhecimento existentes. Além disso, sugerimos que sejam criadas iniciativas para incentivar a participação de amputados e outras pessoas com deficiência no Beach Tennis, promovendo assim a inclusão e a igualdade de oportunidades no esporte.

Neste contexto, o presente artigo propões a compreensão dos desafios e oportunidades que a inclusão de atletas amputados no Beach Tennis representa. Guilherme da Silva Maia, como o primeiro atleta amputado do Brasil nesse esporte, não apenas superou obstáculos pessoais, mas também está pavimentando o caminho para outros amputados que desejam se aventurar no mundo do Beach Tennis. Seu compromisso e determinação são exemplos inspiradores de como a adaptação e a inclusão podem transformar vidas e abrir novas possibilidades no esporte.

5. REFERÊNCIAS

BIFFI, R. F.; ARAMAKI, A. L.; DUTRA, F. C. M.; GARAVELLO, I.; CAVALCANTI, A. Levantamento dos problemas do dia a dia de um grupo de amputados e dos dispositivos de auxílio que utilizam. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 46-53, 2017.

CBTENIS. **História do Beach Tennis**. Florianópolis. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/beachtenis.php?cod=5#:~:text=O%20beach%20tennis%20foi%20criado,modificando%20ao%20longo%20dos%20anos>. Acesso em: 09 de set. de 2023. 1 p.

DA COSTA, Alberto Martins; SOUSA, Sônia Bertoni. **Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.25, n. 3, 2004.

DA SILVA MARTINS, Leonardo; RAVAGNANI, Christianne de Faria Coelho;

RAVAGNANI, Fabrício. Identificação, e validação da nomenclatura dos fundamentos técnicos do Beach Tennis. Disponível em: <https://doi.org/10.15602/1983-9480/cm.v23n48p63-73> . Acesso em: 10 de outubro 2023.

EVANGELISTA, Marcela. **Tênis de Areia? Frescobol com rede? Não, o jogo é Beach Tennis.** *Revista Tênis.* 2012. Disponível em: https://revistatenis.uol.com.br/artigo/tenis-de-areia-frescobol-com-rede-nao-o-jogo-e-beach-tennis_8514.html#ixzz4ewy9rolsasp. Acesso em: 12 de setembro. de 2023.

FEDERAÇÃO ITALIANA DE TÊNIS. **O que é beach tennis.** *Beach Tennis.* 2016. Disponível em: <https://www.federtennis.it/Beach-tennis/Cosa-e-il-beach-tennis>. Acesso em: 12 de set. de 2023.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. *Revista Educação.* v. XVI, n. 1, 2008.

GAIO, R. **Para além do corpo deficiente...histórias de vida.** Jundaiaí: Editora Fontoura, 2006.

KURTZ, Fabiana Diniz. Artigo acadêmico e artigo de relato de experiência: uma análise de gênero com foco em tópicos e procedimentos de pesquisa. *Anais do SIGET,* 2019.

MIGUEL, Henrique. **Qualidade de vida em amputados de membros inferiores.** Núcleo do Conhecimento. *Saúde.* 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/amputados-de-membros> Acesso em: 5 de Setembro de 2023.

PEDRINELLI, Verena J. **Educação Física Adaptada: conceituação e terminologia. educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência.** Brasília: MECSEDES, SESI-DN, p. 7-10, 1994.

SIH/SUS. SISTEMA DE INFORMAÇÕES HOSPITALARES. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. **Sistema de informações hospitalares descentralizado - SIHD2.** 2011 Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170543/10144344-1339608801-1298401062962demonstrativo-20de-20aihs-20aprovadas.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2022.

SANTINI, Joarez; MINGOZZI, Alexandre. **Beach Tennis: um esporte em ascensão.** 1. ed. Porto Alegre: Gênese, 2017.

SOUZA, Ylkiany Pereira de; SANTOS, Ana Célia Oliveira dos; ALBUQUERQUE, Luciana Camelo de. **Caracterização das pessoas amputadas de um hospital de grande porte em Recife (PE, Brasil).** *Jornal Vascular Brasileiro [online].* 2019, v. 18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1677-5449.190064> Acesso em: 24 de outubro 2023.

TEIXEIRA, Kelly Silva; ANDRADE, Thais Vinciprova Chiesse de. **A inclusão de deficientes físicos amputados por meio da ginástica artística.** Anais III CINTEDI Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 1-12. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44276>. Acesso em: 29 de agosto de 2023

TOOMS, R. E. **General principles of amputation**. In: Campbell WC. Campbell's operative orthopaedics. 7 ed. New York: Mosby; 1987. p.180-7.

ANEXO

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA GRAVADA E TRANSCRITA COM O ATLETA GUILHERME DA SILVA MAIA

Informações Pessoais:

1. Nome (Opcional): **Guilherme da Silva Maia**
2. Idade: **24 anos**
3. Tipo de Amputação: **Amputação de membros inferiores direito: Transfemural.**
4. Tempo de Prática de Beach Tennis: **9 meses**

Experiência no Beach Tennis:

5. O que o motivou a iniciar a prática do beach tennis?

R: A paixão pelo esporte e por ser um esporte inclusivo apesar de ainda não ser paralímpico.

6. Quais foram os maiores desafios técnicos que você enfrentou devido à sua amputação?

R: Deslocamento por causa da prótese, por isso em alguns casos eu preciso trocar a raquete de mão e minha dupla que costumo jogar não é uma pessoa amputada costuma me cobrar em alguns lobbys

7. Como você adaptou sua técnica de jogo para superar esses desafios?

R: De acordo com que fui jogando, fui percebendo algumas dificuldades, me adaptei mudando de mão em algumas bolas e me preparando melhor taticamente dentro de quadra para me adiantar em algumas jogadas tendo a leitura de jogo correta.

Estratégias de Inclusão:

8. Descreva as estratégias que você e sua equipe de treinamento adotaram para facilitar sua inclusão no beach tennis. -

R: Buscamos valorizar meus pontos fortes e apropriar ao máximo todos os movimentos necessários, como minha amputação é de perna direita e eu sou destro de mão, a movimentação para a direita me dificulta, com isso, preciso trocar de mão para buscar algumas bolas que vem alta no fundo. Em relação ao saque, eu só posso sacar por baixo e jogando a bola bem alto para que dê tempo de chegar na posição correta para seguir o rally, pois no beach tennis toda bola que vai rápida, volta rápida. Eu jogando a bola pro alto, dá tempo de chegar na linha dos 3 para me posicionar corretamente. Buscando sempre estratégias durante o jogo para dificultar ao máximo que o adversário tenha facilidade em jogar a bolinha nos locais onde ele quer. Além de sempre estar alinhado com minha dupla para que me cubra em algumas bolas no fundo da quadra e para isso o ideal é que o parceiro devolva essa bola bem alta e no fundo da quadra adversária para que dê tempo de se recuperar no ponto e voltar para a sua posição de origem, pois tenho essa dificuldade na mobilidade dentro de quadra. Para isso, preciso cada vez mais estudar o beach tennis para entender mais de cada jogada, cada fundamento, cada gesto para conseguir efetuar uma boa leitura de jogo.

E sendo o primeiro atleta amputado de beach tennis do Brasil, tudo é muito novo para todos amputados que querem entrar no beach tennis, então eu tô vivenciando e testando para ajudar outros amputados a entrarem no esporte e quem sabe tornar o beach tennis um esporte paralímpico também.

9. Houve medidas de apoio específicas que foram essenciais para a sua participação efetiva no esporte?

R: Tive o apoio da minha namorada, família e amigos incentivando.

Impacto na Vida Diária:

10. Como as adaptações no beach tennis influenciaram sua vida diária e sua autoconfiança?

R: Me deu muito mais segurança com a prótese no dia a dia e aumentou minha confiança e minha autoestima. Sabendo que posso jogar de igual pra igual com outras pessoas sem nenhum tipo de deficiência.

11. Você enfrentou desafios emocionais ao se adaptar ao esporte? Como os superou ?

R: Sim, tive desafios emocionais pois todo o processo é bem doloroso e exige esforço diário assim como qualquer esporte. Superei mantendo o foco e buscando a melhor forma de me adaptar ao esporte e sabendo que posso de alguma forma ajudar outras pessoas a iniciarem no esporte, seja ela deficiente ou não.

Considerações Finais:

12. Quais conselhos você daria a outros atletas amputados que desejam ingressar no beach tennis?

R: não desista, tenha foco e busque se divertir ao máximo para que o processo se torne algo leve e satisfatório e que juntos podemos transformar o esporte ainda mais inclusivo.

13. Existe algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência no beach tennis?

R: O beach tennis assim como qualquer outro esporte é desafiador para qualquer pessoa, mas o foco é não desistir e se divertir além de ser uma forma muito eficaz para a prática de atividade física.

Agradecemos por sua contribuição para este estudo. Suas respostas são inestimáveis para aumentar a conscientização sobre a inclusão no beach tennis.